

O SURGIMENTO DE UMA TRAVESTI

Samantha Collins Winchester

*

Meu nome é Samantha, uma Travesti de 27 anos que há 5, para sobreviver, se prostitui. Forte, guerreira e dona dos próprios caminhos. A autora vive em São José dos Salgados, um distrito brasileiro do município de Carmo do Cajuru, estado de Minas Gerais. Atualmente, sua população é estimada em 5.000 habitantes.

Hoje me entendo como Samantha Collins Winchester, uma travesti de 27 anos, mas nasci Felipe Henrique Batista Ferreira, em 8 de novembro de 1992 e, como todo indivíduo, ao longo da minha vida fui construindo minha identidade e me entendendo enquanto pessoa no mundo. No meu caso, essa construção foi um pouco mais complexa. Desde muito pequena eu já não me identificava com meu gênero de nascimento e era muito complicado, porque eu nasci em uma época onde as informações eram muito escassas. Eu entendi que não me enquadrava no gênero masculino, não tinha nenhuma outra visão de representatividade a não ser as mulheres que eram as que mais se enquadravam no modo ao qual eu me sentia naquele momento. Assim que fui crescendo, fui tendo contato com outros corpos e tendo acesso a outros pensamentos que se assemelhavam aos meus.

Aos 7 anos tive contato com o que hoje conhecemos como drag queen, mas que na época tive acesso como transformistas. Eu me lembro do fascínio que senti quando vi aqueles homens caracterizados de mulher – na minha infância foi o que eu tive mais próximo de representatividade. Mas, mesmo com tanto fascínio, não era naquele grupo que eu me encaixava, eu era muito mais que alguém que se caracterizava de mulher para uma performance. Mas eu sabia que, tendo acesso àquele grupo, teria acesso a outras informações e pessoas, e talvez me descobrisse enquanto indivíduo. No entanto, eu ainda era muito nova para poder andar com eles e frequentar os lugares que eles frequentavam, eu precisava descobrir sozinha quem eu era e qual era meu lugar no mundo. Então eu guardei aquele primeiro contato e aquela nomenclatura “transformista” e continuei minha jornada em busca da minha autodescoberta.

Eu tive uma infância feliz como a maioria das crianças da minha geração. Apesar de eu nunca ter achado que dava pinta, minha mãe sempre diz que percebia meus trejeitos desde muito pequena. Para mim era normal brincar de boneca e usar roupas ditas femininas, no quartinho da minha bisavó com minhas primas. De alguma maneira

eu já entendia que aquilo me era proibido, porque nós tínhamos que fazer escondido, apesar da minha mãe sempre me pegar vestida com as roupas dela.

Minha família sempre foi muito liberal em relação à minha sexualidade e ao meu gênero. Mesmo com muito pouco entendimento sobre o assunto, sempre respeitaram e apoiaram as minhas decisões, mesmo não concordando com algumas delas. Nesse período da infância eu tive algumas amizades que foram extremamente importantes para minha descoberta. Talvez a mais significativa tenha sido a Rafa, uma irmã que a vida me deu. Foi com ela que pela primeira vez eu tive coragem de me assumir gay, em cima de uma árvore, levando pedradas de outros garotos que pareciam saber mais sobre a nossa sexualidade e o nosso gênero do que nós mesmas.

Me assumir gay, naquele momento, me trouxe um certo alívio, mas no fundo eu sabia que não era como eu realmente me sentia. Porém, para o meu processo de construção de identidade, foi extremamente importante me assumir naquele momento para ela. Mesmo sem muito conhecimento de sexualidade, eu sabia que me assumir gay, naquela época e naquele momento, me colocaria automaticamente para sociedade em um lugar feminino, que era o que eu mais almejava. Assim que eu me assumi gay para essa amiga tão especial e depois de tirar aquele nó da garganta, que já me acompanhava há muitos anos, comecei a explorar a minha sexualidade, tanto com garotas como com garotos, e logo percebi que me orientação sexual era direcionada exclusivamente para os homens. Assim que comecei a experimentar o sexo com outros meninos, os boatos da minha orientação sexual começaram a se espalhar. E em uma cidade tão pequena, como é a que eu vivo, rapidamente todos ficaram sabendo. Como eu não tinha me pronunciado, e nem me assumido para toda sociedade, tudo ficou apenas como especulações.

Graças a elas eu tive acesso a outra peça chave da minha construção enquanto indivíduo, Taty, uma gay-drag incrível, que me

proporcionou o primeiro contato com uma travesti. Eu lembro do fascínio que senti quando eu a vi pela primeira vez. Ali, naquele momento, eu me descobri enquanto indivíduo. Eu me vi naquele corpo. Eu queria aquele corpo e, daquele dia em diante, eu sabia que esse era o caminho que trilharia.

Escola e emprego

O ambiente escolar sempre foi um lugar hostil para mim. E desde muito cedo eu aprendi a ser mais hostil que ele. No ensino médio eu assumi a minha homossexualidade para algumas colegas de escola. E aí os problemas começaram: o preconceito, os olhares, as piadas, as agressões, tudo ficou muito intenso. Apesar de eu sempre saber me defender desses ataques, começou um desgaste emocional muito grande e eu comecei a repetir de ano por várias vezes.

Com 15 para 16 anos de idade eu comecei o meu processo de hormonização. Aconselhada por uma amiga, eu me lembro de pegar os anticoncepcionais da minha mãe e tomar escondida. É difícil descrever a sensação, mas foi como se meu corpo encontrasse o equilíbrio perfeito. Por nesse momento ainda não ter me assumido para a minha família, comecei com pequenas mudanças. Deixei o cabelo e as unhas crescerem e comecei a me maquiar na escola com minhas amigas. Eu sempre tinha atritos com os professores que tentavam a todo custo me repreender. Em um desses atritos a professora de matemática se sentiu ofendida e formalizou uma queixa na delegacia contra mim.

Isso não era uma novidade na minha vida. Eu fui uma adolescente muito problemática até me entender como uma travesti. Por ser de menor na época, minha mãe me acompanhou na delegacia e, o que eu achei que seria só mais um sermão do delegado, acabou se tornando um dos dias mais importantes da minha vida. Como eu já era muito feminina para os padrões masculinos, e estava me afeminando mais ainda, o delegado fez a pergunta, na frente da minha mãe, que mudaria minha vida toda: ele me perguntou se eu era gay. Mesmo

sabendo naquele momento que eu era uma travesti, eu queria preparar o terreno para minha família. Na verdade, eu estava com medo, porque já tinha tido contato com travestis que tinham sido expulsas de casa, por se assumirem como são. Uma realidade comum até hoje na nossa sociedade. Então eu, sem pensar duas vezes, respondi que sim: sim, eu sou gay.

Eu olho para a minha mãe e ela está aos prantos. Começo a chorar muito também e a ficar com muito medo do que aconteceria dali para frente. Saímos da delegacia sem dizer uma palavra uma a outra. Quando chegamos em um certo ponto, minha mãe parou, olhou para mim, e me abraçou. Muito emocionada, ela disse que nada mudaria, que eu sempre seria a filha dela e ela sempre seria minha mãe, independente de qualquer coisa ou circunstância. Aquilo era o que eu precisava para me libertar completamente, sair do casulo. Eu tinha o apoio da minha família. Eles me amavam de qualquer forma.

Duas semanas depois do que aconteceu na delegacia, era o carnaval e decidi que me vestiria como eu sempre quis. Iria enfrentar a sociedade como a travesti que eu tinha me tornado. Com ajuda das minhas amigas, me maquiei e coloquei uma roupa bem feminina. Coloquei uma peruca e fui me divertir naquele Carnaval. Quando eu descii a rua principal da cidade foi um acontecimento, uma mistura de choque e de surpresa, e a primeira pessoa que eu vi foi a minha mãe. Ela veio até mim e disse que eu estava linda. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Agora as pessoas me viam como eu sempre me vi. Desse dia em diante, eu nunca mais me vesti como um homem. Comecei a usar roupas e acessórios femininos 24 horas por dia, inclusive na escola, e foi nela que eu sofri a primeira invalidação do meu corpo. Eu fui a primeira travesti da minha escola, em uma época de escassez total de informações, tanto para mim quanto para os profissionais de educação que ali trabalhavam. O ensino médio é a pior fase para qualquer adolescente, mas para uma adolescente travesti é ainda mais

desafiador. Com as piadas e os insultos eu sempre consegui lidar bem. Às vezes precisava agredir para não ser agredida. Mas isso eu sempre tirei de letra.

O problema maior sempre foi com a minha diretora na época, que sempre invalidava meu corpo e tentava me bloquear de exercer minha feminilidade. O banheiro sempre foi um grande problema na escola. Eu era hostilizada no banheiro masculino e proibida de frequentar o banheiro feminino. Nesse aspecto eu e minha diretora sempre batíamos de frente. Eu sempre tive um senso de justiça extremamente apurado, que me fez lutar até conseguir acesso a um banheiro exclusivo para mim na escola, um banheiro de deficientes que ninguém utilizava, a não ser eu. Considero essa a minha primeira vitória como travesti. Apesar de não ser o ideal, para o contexto da época foi uma grande vitória.

Mas os problemas só estavam começando. Parece que sempre na vida de uma travesti os problemas nunca acabam. Eu fiquei no ensino médio até os 19 anos, sofrendo transfobia e boicote da minha diretora, que tentava a todo custo me impedir de usar roupas femininas, impedir que eu fosse quem eu era, até que eu desisti de terminar os estudos e resolvi procurar emprego.

Eu, particularmente, não tive dificuldades em encontrar emprego. Acredito que o contexto social da época tenha facilitado para mim. Comecei a trabalhar quando o PT estava em ascensão, com a economia do Brasil aquecida. Isso foi um grande impulso para que eu conseguisse estar empregada. Trabalhei fichada por duas vezes enquanto o PT estava na presidência. Nunca tive problema em nenhuma dessas duas empresas. Já entrei como travesti e era muito respeitada por todos. Através do meu primeiro emprego, eu conheci um amigo que me apresentou pela primeira vez a prostituição, meu primeiro contato com esse mundo tão diferente do que eu estava acostumada a viver.

O primeiro contato me despertou muita estranheza, mas muito interesse também. Então, quando saio do meu segundo emprego, eu

decido viver a realidade da prostituição. Decido romper a bolha na qual estava acostumada a viver. Eu decido vivenciar a realidade de mais de 90% das travestis desse país.

Quando cheguei pela primeira vez para trabalhar na rua, com as outras meninas, eu me senti completamente deslocada, completamente não pertencente àquele mundo, àquele lugar. Mas eu estava determinada a viver aquela experiência. Meu primeiro cliente foi muito complicado, eu não estava habituada a fazer sexo por dinheiro e foi extremamente difícil para mim realizar aquele trabalho. Quando você trabalha na rua, você entra no modo automático. Depois de duas semanas você já sabe exatamente o que fazer, como fazer e a forma mais rápida de fazer. Na rua eu tive as melhores e as piores experiências que uma pessoa travesti pode ter na vida.

Na rua você aprende a ser psicóloga dos clientes, a realizar fetiches e desejos totalmente desconhecidos para você até então, você aprende a se defender, você aprende a atacar. E, é claro, você aprende que as drogas amenizam o nojo que é se deitar com mais de sete homens por noite. Eu poderia ter desistido no primeiro ano, mas o dinheiro fácil me fascinou completamente. Quando me tornei prostituta, tive acesso a coisas que, na realidade em que eu cresci, me pareciam impossíveis. Me tornei extremamente consumista. Eu tinha dinheiro todos os dias. Eu poderia gastar R\$2.000 em um único dia, porque sabia que no dia seguinte eu recuperaria. Mas isso era como uma droga para mim, eu estava viciada em dinheiro. Não demorou mais de um ano para eu perceber que, se a rua dá, a rua toma.

A primeira agressão física que eu sofri na rua foi logo uma das piores. Eu e uma amiga estávamos conversando, em frente a um poste, quando senti uma garrafa de vidro estourando na minha perna, e vi outra estourando na cabeça da minha amiga. Não vimos de onde veio, nem quem jogou. Foi desesperador ver tanto sangue na cabeça da minha amiga. Nesse dia eu percebi o perigo que a rua nos oferece. Dois anos depois, essa mesma amiga foi brutalmente assassinada,

com inúmeras facadas, e jogada no meio de um matagal. Ao longo de cinco anos na prostituição, eu não saberia enumerar as vezes em que fui agredida e as vezes em que a minha vida esteve em risco. Eu não saberia enumerar as vezes que eu vi minhas amigas sendo agredidas, espancadas e mortas na minha frente.

Mas na rua eu também aprendi que todas as histórias se cruzam, que todas as histórias se parecem de algumas formas. Apesar de eu ter entrado na prostituição por escolha própria, de não ter sido empurrada a isso, assim que me tornei prostituta a minha história se cruzou com a das garotas. A partir daquele momento estávamos ali, em busca de um mesmo objetivo de sobreviver, de ter um mínimo de dignidade para viver. E sofriamos o mesmo preconceito da sociedade.

Quando você se torna uma prostituta, e quando se é travesti, automaticamente seu corpo é marcado, invalidado para a sociedade. Só me era permitido existir na noite, naquela rua onde eu e tantas outras garotas nos prostituímos. Quando uma travesti se torna uma prostituta, seja porque os pais a expulsaram de casa, ou porque você ambiciona uma vida melhor, tudo se torna mais difícil. Os amores já não existem mais, o seu corpo não pertence mais a você e você começa a lutar por 24 horas de vida. A sua família se afasta, os amigos já não existem mais, e você se torna mais um corpo na vitrine da prostituição.

Nos 5 anos em que eu vivi na prostituição, eu não tive nenhum relacionamento sério. Os homens não me viam como uma pessoa séria para se relacionar, o amor já não me era mais permitido. Eu só servia como fantasia e objeto sexual. Não que isso tenha mudado muito para mim hoje em dia, pois os homens não nos veem como possibilidade, e sim como fetiche. Apesar de não ser a realidade de todas, é o que acontece com a grande maioria. E, analisando todos esses anos na prostituição, eu concluo que tive mais ganhos do que perdas. Eu tive acesso a histórias tão diferentes da minha, conheci meninas incríveis, batalhadoras, e que lutavam diariamente por dignidade, por

sobrevivência, para conseguir colocar comida em suas mesas. Tive clientes que se tornaram grandes amigos, mas também vi muitas amigas morrerem, muitas amigas sendo agredidas. Fui por diversas vezes agredida. Sofri tentativas de homicídio, sofri na pele o preconceito da sociedade. Eu via o olhar de nojo das pessoas quando me viam, mas também via o fascínio dos homens por nós.

Quando você trabalha na rua, você cria uma grande família. Foi isso que eu vivenciei. Apesar da competitividade, nós nos protegemos, nos ajudamos, porque só temos umas às outras... a grande realidade do universo travesti. E o porquê de não sairmos de onde estamos, e não nos unirmos todas na mesma vivência e experiência, é por causa da grande luta de egos que existe. O que eu vivenciei de outras travestis é uma grande cobrança pelo melhor corpo, o melhor rosto, a melhor prótese... E a grande realidade é que nada disso te torna uma travesti. O que te torna uma travesti é a coragem de se assumir como você realmente é, em um país que nos mata aos milhares. É ocupar lugares que não querem que ocupemos, é ter coragem de enfrentar o mundo para viver a sua verdade.

Eu não nasci Samantha Collins Winchester. Eu me fiz. Essa é a minha jornada até aqui.